

**livros**





## O resgate dos esquecidos: apresentando a Coleção Reserva Literária

---

*José de Paula Ramos Jr.*

---

**Coleção Reserva Literária, São Paulo, Edusp/Com-Arte, 2015-2018.**

A

Coleção Reserva Literária é um projeto desenvolvido no curso de graduação em Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Ela resulta da articulação de duas disciplinas obrigatórias ministradas nesse curso – Introdução à Ecdótica e Laboratório de Produção Editorial – e se propõe a resgatar obras da literatura brasileira, esquecidas ou fora de circulação, mas de interesse artístico e cultural permanente, em livros publicados pela parceria estabelecida entre a Com-Arte, editora-laboratório do curso, e a Editora da Universidade de São Paulo (Edusp).

Na disciplina Introdução à Ecdótica, os estudantes têm a oportunidade de obter familiaridade com noções fundamentais de filologia, ecdótica e crítica textual, bem como com as características básicas de alguns tipos de edição: fac-similar, diplomática, diplomático-interpretativa, fidedigna, crítica e

genética. A disciplina também se propõe a examinar o campo de atuação do editor de texto no processamento de obras literárias, os limites de intervenção editorial e os elementos de normalização textual. Além disso, os paratextos tradicionais e as suas funções também são objeto de estudo.

A escolha da obra a ser editada cabe ao professor de Introdução à Ecdótica, que, para isso, consulta obras de história e crítica literária, busca informações em periódicos antigos e examina sugestões de bibliófilos ou pesquisadores da literatura brasileira. Todavia, tal escolha é condicionada a algumas exigências: a obra deve pertencer ao domí-

---

Reprodução parcial de conferência proferida em 15/11/2018 na Universidade de Aveiro e, em 19/11/2018, na Universidade de Coimbra, ambas em Portugal.

**JOSÉ DE PAULA RAMOS JR.** é professor do curso de Editoração da ECA-USP e autor de *Leituras de Macunaíma: primeira onda (1928-1936)* (Edusp/Fapesp).

nio público, ter recebido uma única ou uma última edição fora do mercado, apresentar interesse artístico e cultural permanente, além de estar disponível em livros físicos, com todas as edições recebidas, ao menos, em vida do autor, e que possam ser manuseadas e digitalizadas para a produção de fac-símiles. Esses passos relativos à recensão (*recensio*), bem como a definição do texto de base, são incumbências do professor, que as deve realizar antes do início das aulas.

Os alunos, ao longo de um semestre letivo, participam das demais etapas da produção do conteúdo do livro a editar: estabelecimento e preparação do texto para publicação, sendo a normalização orientada pelos critérios adotados pela Edusp, explicitados na obra de Plínio Martins Filho *Manual de editoração e estilo*<sup>1</sup>. Os estudantes também participam da elaboração, normalização e organização dos paratextos.

Informados com os elementos da teoria apresentada, sobretudo quanto ao método de Karl Lachmann (1793-1851), e de posse do material disponibilizado pelo professor, os estudantes executam, exceto em caso de testemunho único, a colação (*collatio*), para o registro das variantes textuais, análise de erros e busca das lições que permitam reivindicar fidedignidade ao texto estabelecido.

Cada aluno se responsabiliza por um determinado número de páginas em cada etapa seguinte. A primeira delas consiste na transcrição diplomática do texto de base, ou seja, a transcrição que o reproduza tal como ele se apresenta no exemplar de trabalho, inclu-

sive com os erros que ostenta. A transcrição diplomática é revisada duas vezes.

O resultado obtido é fixado em um arquivo que fornece o texto de trabalho para a etapa seguinte: a transcrição diplomático-interpretativa. Esta mantém a ortografia de época e a pontuação autoral, limitando-se à correção de erros, devidamente destacados por sinais de intervenção editorial. Para isso, é frequente a consulta a dicionários contemporâneos da produção autoral ou mais antigos. Entre eles, destacam-se o *Vocabulario portuguez & latino*, de Rafael Bluteau (Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728, 8 v.); o *Diccionario da lingua portugueza*, de Antonio de Moraes Silva (2ª ed., Lisboa, Typographia Lacerdina, 1813); o *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*, de Caldas Aulete, tanto na primeira edição (Lisboa, Imprensa Nacional, 1881) quanto na segunda, atualizada (Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1925, 2 v.). O *Vocabulário ortográfico e remissivo da língua portuguesa*, de Gonçalves Viana (Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1912), vem a ser também referência importante em casos específicos, assim como o *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antenor Nascentes (Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1932), e o *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire (Rio de Janeiro, A Noite, 1939-1944, 5 v.), entre outros. A transcrição semidiplomática recebe três revisões, duas dos alunos e a do professor.

Apurada a transcrição diplomático-interpretativa, ela fornece o texto de trabalho para o estabelecimento do texto com atualização, segundo o Acordo Ortográfico de 1990, e para discretas intervenções na pontuação, que segue o critério sintático em vigor atualmente, exceto em casos de usos

---

1 Plínio Martins Filho, *Manual de editoração e estilo*, Campinas/São Paulo/Belo Horizonte, Editora da Unicamp/Edusp/Editora UFMG, 2016.

estilísticos, produtores de efeito de sentido, quando é mantida a pontuação autoral a despeito de uma possível transgressão da norma sintática vigente. Nesses casos, considera-se importante manter o modo de escrever (*usus scribendi*) do artista e da poética histórica na qual ele se inscreve, como pode ocorrer, por exemplo, em enumerações não virguladas de uma obra modernista. Estilizações da oralidade são preservadas.

Ao longo desse processo de estabelecimento, os resultados da *collatio* orientam a escolha das melhores lições entre as variantes textuais. Paralelamente, dá-se a normalização do texto, que se beneficia de critérios abonados por estudiosos como Antônio Houaiss (*Elementos de bibliologia*, Rio de Janeiro, INL, 1967, 2 v.) e Emanuel Araújo (*A construção do livro*, Rio de Janeiro/Brasília, Nova Fronteira/INL, 1986). É o caso, por exemplo, do discurso citado que, comumente, em edições antigas (e não só antigas, aliás), é assinalado por meio de aspas e de travessões, concomitante ou indiferentemente, de modo a comprometer o efeito de coerência que a apresentação material do texto requer, em favor de uma experiência de leitura sem obstáculos dessa natureza. Quanto ao mais, o padrão de normalização empregado em todo o conteúdo do livro, texto e paratextos é aquele compendiado no *Manual de editoração e estilo*, de Plínio Martins Filho, adotado pelas casas editoriais parceiras na publicação da Coleção Reserva Literária: a Edusp e a Com-Arte. Trata-se de um padrão misto. Sobre a base das normas estabelecidas pela ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), algumas opções têm precedência. Por exemplo, em referências bibliográficas para o título de livros, a ABNT prescreve o padrão da tradição francesa, com uso de

maiúscula inicial só para a primeira palavra e para nomes próprios do título. Já a Edusp emprega a tradição anglo-germânica, com todas as iniciais de palavras em capitulares, exceção feita a elementos de ligação posteriores à primeira palavra, como as preposições, ou determinantes de nomes, como os artigos.

Em favor do leitorado, sobretudo do leitor em formação, o texto recebe notas que esclareçam sumariamente referências mitológicas, históricas, geográficas, biográficas, artísticas, etc. Vocábulos que não se encontrem num bom minidicionário de língua portuguesa também recebem notas explicativas, bem como expressões regionais e gírias caídas em desuso.

Importante frisar que a transcrição modernizada também recebe duas revisões dos alunos e uma do professor.

Os estudantes redigem textos para orelhas, quarta capa, nota editorial e um capítulo dedicado ao autor da obra. Se aprovados pelo professor, passam a integrar o livro. Caso aprovados parcialmente, o professor os refaz e concede coautoria. Na hipótese de serem reprovados, o professor os escreve. É importante assinalar que a hipotética reprovação será editorial e não acadêmica. O trabalho do aluno pode ser suficiente para uma avaliação acadêmica positiva de seu desempenho no quesito, embora talvez não o seja para publicação.

De todo o aparato paratextual, os estudantes só não participam da redação do ensaio que constitui o capítulo de apresentação da obra, encomendado a um especialista.

No semestre seguinte, os paratextos já prontos e o texto da obra, estabelecido e normalizado, são encaminhados à disciplina Laboratório de Produção Editorial, em que,

sob a orientação dos docentes responsáveis<sup>2</sup>, os estudantes que concluíram Introdução à Ecdótica encarregam-se das demais etapas da produção do livro, entre elas, a elaboração dos elementos de imprensa, da ficha catalográfica, da bibliografia, do colofão, da organização sistemática das matérias, da paginação e da formatação do conteúdo de acordo com o projeto gráfico e tipográfico da coleção, que, aliás, foi criado por Tainá Costa, ex-aluna participante da edição inaugural da coleção.

As revisões de provas são três: uma, feita por alunos; a segunda, pelo professor de Introdução à Ecdótica; a terceira, pelo docente responsável pela disciplina Laboratório de Produção Editorial. Desse modo, cada obra da coleção recebe, somadas, 11 revisões.

Ressalte-se que os estudantes participam também da divulgação, com a produção de *releases* enviados à mídia, remessa de exemplares a críticos literários, gravação e inserção de chamadas em *sites* da internet e organização de eventos, como a Jornada Reserva Literária, entre outras ações. Assim, as demais disciplinas do curso de editoração, além das duas mais diretamente envolvidas na produção da coleção, contribuem significativamente para a obtenção dos resultados: os livros da Reserva Literária e a divulgação deles.

Compromissados com a proposta da coleção, os estudantes percorrem quase todos os elos da cadeia de produção editorial do livro, sem a pressão do mercado, mas com espírito empreendedor. É importante ressaltar que a formação humanística fundamenta a proposta pedagógica do projeto e orienta

uma práxis que exige rigor e disciplina, no intuito de oferecer aos leitores textos fidedignos de obras raras da literatura brasileira, em edições que as valorizem como merecem. A eficácia desse intuito? Cabe ao leitorado e à crítica ajuizá-la, com o exame dos volumes já publicados.

*Contos cariocas*, de Artur Azevedo (1855-1908), foi o primeiro volume da Reserva Literária, publicado em 2011. Coletânea póstuma de breves narrativas originariamente publicadas em periódicos, tivera uma única edição em livro, em 1928, pela editora carioca Leite Ribeiro. Artur Azevedo ainda goza de certo prestígio atualmente, sobretudo como autor de comédias como *A capital federal*, mas está longe de ser a celebridade que fora em sua época, quando seu talento como poeta, cronista e contista era igualmente reconhecido. Os *Contos cariocas* ensejam uma divertida viagem ao imaginário brasileiro do fim do Império e início da República e ainda guardam muito de seu frescor.

*Marta*, romance de Medeiros e Albuquerque (1867-1934), obteve três edições em vida do escritor: as duas primeiras, respectivamente, em 1920 e em 1922, pela Editora Francisco Alves; a terceira, em 1932, pela Editora Renascença. Depois disso, deixou de circular, mas, entre outras qualidades, por ser notável exemplo da prosa de ficção decadentista no Brasil, um tanto obscura, e por ser obra pioneira no aproveitamento literário da psicanálise no país, tem méritos que justificam sua inclusão como segundo volume da Reserva Literária.

O terceiro título vem a ser *Mau-olhado*, romance de Veiga Miranda (1881-1936), cuja primeira edição foi lançada pela Editora Leite Ribeiro em 1919. O autor obteve algum reconhecimento quando vivo, mas tornou-se

---

2 Plínio Martins Filho, Marisa Midori Deaecto e Thiago Mio Salla.

quase invisível na historiografia ou na crítica literária supérstite. Todavia, trata-se de um artista superior, como pode ser observado tanto na perícia com que constrói a trama romanesca e as personagens quanto nas notáveis virtudes de seu estilo. Impressionante história trágica, que figura a vida rural do nordeste paulista ainda em tempos de escravidão, urgia republicar *Mau-olhado*, uma vez que a segunda e última edição fora lançada em 1925, pela Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato.

A seguinte produção da coleção foi apresentada ao público na “Segunda Jornada Reserva Literária”, evento realizado em 22/9/2015 na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo. Com a mediação da professora Marisa Midori Deaecto (ECA-USP), proferiram palestras o professor Luís Bueno (UFPR) e a escritora Nélida Piñon (ABL), anunciada como madrinha da coleção. Trata-se do romance *Navios iluminados*, de Ranulfo Prata (1896-1942). Lançada pela primeira vez em 1937 pela Livraria José Olympio Editora, única edição em vida do autor, a obra foi recebida com o aplauso caloroso da crítica e recebeu mais três edições publicadas no Brasil, além de uma traduzida para o espanhol, na Argentina. Crônica do cotidiano no proletário bairro do Macuco e no porto de Santos, a narrativa empolga e comove com seu conteúdo humano de forte apelo social. A despeito de ser um dos mais importantes romances brasileiros da década de 1930, ainda é pouco conhecido, razão pela qual foi escolhido para o quarto volume da coleção.

O romance de costumes *O feiticeiro*, de Xavier Marques (1861-1942), no qual questões sociais, históricas, raciais e culturais se desvelam na Bahia (e no Brasil) do final do século XIX, vem a ser o quinto volume da

Reserva Literária. O percurso genético dessa obra é acidentado. Ela descende de *Boto & cia.*, romance lançado em 1897. Insatisfeito com o resultado, mas certamente acreditando no valor do material nele contido, o autor o refunde em 1914, com o título mudado para *O feiticeiro*, e o publica em folhetins do periódico baiano *A Notícia*. Era outro livro e não uma reedição retocada de *Boto & cia.* Em 1919, Xavier Marques estampa, na *Revista América Latina*, excertos de dois capítulos do romance refundido. A obra só encontraria sua forma definitiva no livro publicado em 1922 pela Editora Leite Ribeiro. Depois disso, *O feiticeiro* foi reeditado em 1975, pela editora GRD em parceria com o Instituto Nacional do Livro (INL). Anunciada como “3ª edição” na folha de rosto, trata-se, na verdade, da segunda edição em livro. Tal equívoco decorre, certamente, da suposição de que a edição príncipe seria a de 1897, intitulada *Boto & cia.* Por mais que essa obra pertença ao percurso genético de *O feiticeiro*, não é possível considerá-la como o mesmo romance, pois a refusão foi tão profunda, que a bibliografia do autor, estampada na edição Leite Ribeiro, omite *Boto & cia.* e, implicitamente, apresenta *O feiticeiro* como primeira edição desse romance em livro<sup>3</sup>. A terceira edição em livro de *O feiticeiro*, obra interessante tanto por sua temática quanto pela construção artística, identificada com a poética cultural em que se insere o chamado Pré-Modernismo, vem a ser, de fato, a da Coleção Reserva Literária.

---

3 Há ainda uma outra publicação de *O feiticeiro* em periódico, estampada no jornal *A Tarde* de Salvador, entre 27 de fevereiro e 12 de junho de 1937 (cf. David Salles, *Bibliografia de & sobre Xavier Marques*, Salvador, Centro de Estudos Baianos, 1969, p. 6).



*Primeiro andar*, primeiro livro de contos de Mário de Andrade (1893-1945), constitui o mais recente lançamento (2018). A obra consiste numa coletânea lançada em 1926 pela Casa Editora Antonio Tisi, de São Paulo. Em 1932, a Editora Piratininga a reapresenta, como se fora a segunda edição. Trata-se, no entanto, do reaproveitamento do miolo dos volumes encalhados da edição Antonio Tisi, com nova capa, como foi denunciado por Mário de Andrade e constatado na coleção realizada.

Mário de Andrade, além de várias emendas nos textos, planejara eliminar alguns contos da edição príncipe, substituindo-os por outros, para que *Primeiro andar* figurasse, ao lado de *Há uma gota de sangue em cada poema* e de *A escrava que não é Isaura*, como parte do volume *Obra imatura*, o primeiro do projeto de edição das *Obras completas de Mário de Andrade*, da Livraria Martins Editora. Esse volume, todavia, só é publicado em 1960, respeitando a vontade do autor quanto às substituições de contos, atualizando a ortografia, mas interferindo, nem sempre de modo pertinente, por exemplo, no regime das vírgulas. *Primeiro andar* volta a aparecer em volume autônomo só em 2009, pela Ediouro, com texto estabelecido pela pesquisadora Aline Nogueira Marques, em busca do que seria correspondente ao plano do autor, valendo-se, para isso, dos arquivos de Mário de Andrade pertencentes ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo. A edição lançada pela Coleção Reserva Literária beneficiou-se do notável trabalho de Aline Nogueira Marques, mas apresenta um resultado por vezes divergente quanto ao texto estabelecido. Isso porque a crítica textual pode ensejar mais de uma interpretação em certos casos. As-

sim, as edições Ediouro e Reserva Literária credenciam-se igualmente para reivindicar a condição de fidedignas.

No Laboratório de Produção Editorial, estão sendo preparadas, atualmente, as edições de mais três romances: *Badu* (1932), de Arnaldo Tabayá; *Totônio Pacheco* (1935), de João Alphonsus; *Vida e aventura de Pedro Malasarte* (1944), de José Vieira; além de *Treva* (1906), livro de contos de Coelho Neto. Outros livros mais virão, dedicados à divulgação de obras de valor, mas obscurecidas pela dinâmica das poéticas culturais.

O livro digital em formato ePub assinalará nova etapa da Coleção Reserva Literária, a ser implantada em breve. Assim, a disciplina Tecnologia Digital para Editoração se agrega ao consórcio de Introdução à Ecdótica e Laboratório de Produção Editorial. A Reserva Literária Digital apresentará em *e-books* todos os livros impressos da coleção, ampliando, assim, o alcance dessas obras ao disponibilizá-las para leitura em outros suportes, como computadores, *tablets* e celulares.

O formato ePub foi escolhido por ser um padrão internacional e aberto. Ele permite a adaptação automática do texto a diferentes tamanhos de tela e pode ser lido em dispositivos móveis. Esse formato agrega novas possibilidades interativas, como a possibilidade de gerar anotações e destaques em trechos de texto que podem ser recuperados facilmente por meio de *links*. Além disso, o ePub pode ser convertido sem transtornos para outros formatos.

O *design* gráfico do volume em papel permanece quando se mostra adequado à experiência de leitura em suportes digitais. Algumas modificações, no entanto, são pertinentes, quando elas agregam valor à legibilidade e à leiturabilidade em suporte digital,

como imagens com melhor definição e uso de cores. Outras mudanças, porém, são indispensáveis, pois, por exemplo, não há folhas com frente e verso no meio digital, de modo que elementos presentes no verso de folhas na edição impressa têm sua posição alterada para sequência linear.

Como ressalta a professora responsável pela disciplina Tecnologia Digital para Edição, Maria Laura Martinez, “no livro digital, o *design* gráfico pode mudar com escolhas particulares dos leitores. A maioria dos programas de leitura permite ao usuário modificar, entre outros elementos, o tamanho e a fonte do texto, bem como a cor de fundo da página. Essas possibilidades respeitam diferenças individuais, como a acuidade de visão, e são de extrema importância para algumas pessoas. A codificação do livro digital busca proporcionar uma boa experiência, mesmo frente a estas mudanças, testando a versão final em mais de um tamanho de texto, fonte, cor de fundo, dispositivo de leitura e plataforma operacional. No entanto, o aspecto visual adotado como padrão resulta de cuidados minuciosos para proporcionar uma agradável experiência de leitura no primeiro acesso à edição digital da obra”.

Para finalizar, cito o depoimento da escritora Nélida Piñon, titular da cadeira 30 da Academia Brasileira de Letras, presidida por ela entre 1996 e 1997, a propósito da Coleção Reserva Literária, de que é madrinha.

“Fiquei muito honrada quando fui indicada para ser madrinha de uma coleção inigualável, rara como dimensão histórica, porque no Brasil tende-se a soterrar os escritores que não alcançaram uma glória literária, cuja glória não foi legitimada, independente do alto talento literário. Então, a Edusp e a

Com-Arte se congregaram para lançar livros esquecidos. É muito original. Daí Reserva Literária, como uma reserva de vinhos. O próprio nome é uma insinuação de que os títulos que estão sendo lançados e continuarão a ser lançados, de autores soterrados, esquecidos, como se não tivessem existido, eles guardam a marca da grandeza. Justifica-se que voltem à tona, que sejam reconhecidos pelo mundo literário. De modo que eu acho esse gesto heroico, porque não é um gesto comercial, não tem pretensão de competir com *best-seller*, não é essa a intenção. [Reserva Literária] é uma coleção que vai fazer diferença no imaginário brasileiro, que vai marcar uma posição estética importantíssima, que vai dizer ao público: “Vocês estão distraídos, nós estivemos distraídos até agora, mas nós vamos trazer de volta para a vida, para o Brasil, esses escritores, porque eles nos fazem falta, eles cobrem lacunas que nós temos sem nos darmos conta”. Portanto, é muito importante que levemos adiante esse belíssimo ofício de reativar a memória e trazer para nós esses escritores – esses que foram publicados e os que vão vir. Infelizmente, são muitos os que foram sepultados, suas obras não existem, e são escritores importantes. Eu mesma fico impressionada, como é fácil esquecer no Brasil, como o povo é educado para esquecer, ele é induzido a esquecer. Esquecer impede a plantação do futuro, impede uma visão libertária da sociedade. Então, quando trazemos de volta – e continuaremos a trazer de volta esses títulos –, nós estamos adotando uma postura política. Política e não só literária, que já seria uma grande dimensão; é política porque demonstra a nossa inconformidade em aceitar que a sociedade mate escritores como se fossem uma erva daninha.”